

Reverberações da partilha sensível

Recebido em 14-09-2016
Aceito para publicação em 04-12-2016

Raissa Araújo do Rosário Silva¹

145

Só agora vejo a falha que existe no teto de madeira do meu quarto. Faz onze horas e oito minutos que estou deitada na cama olhando para cima. Mamãe tem razão, pela pequena abertura cai poeira e é preciso fechar.

Antes de dormir, desejei ver a lua da janela, mas não havia espaço pra ela entre os arranha-céus. Sem sono, deitei. A última vez que peguei no celular para ver as horas, vi que eram três e meia da manhã. Enterrei minha cabeça no travesseiro como quem faz cova para lembranças. A noite estava fria, vivo dias desesperadores. Transbordei em mim. Cansei. Lembrei da minha simpatia por dormir enquanto chove. Geralmente chove à tarde, mas há dias não contemplo esse fenômeno das gotas líquidas caindo sobre a superfície. Fiquei por cima dos meus braços para adormecer a insônia, proibindo-me de fazer qualquer movimento para enfim dormir. Parei de recordar e voltei minha atenção para a dor que a pressão do meu corpo fazia ao repousar sobre meu próprio corpo. A corrente sanguínea desacelerava até meus membros adormecerem e a mente também. Dormi.

Dormi por dez horas. Fazia tempo que eu não dormia tanto. Faz cinco dias que isso acontece. Sinto-me inútil. Silenciosas lágrimas percorrem minha face até quando adormeço. Desidrato. As horas não seguem mais depressa pelo relógio. Acordei pela dor, quase parálitica. Meus braços latejam. A respiração, aos poucos, ajuda o sangue a seguir as vias. Meu corpo acordou pesado. Não consigo levantar da cama, pois os braços ainda não podem me servir de apoio.

¹ Jornalista e atriz. Mestranda no programa de Meios e Processos Audiovisuais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo/São Paulo, Brasil. araujoraissa@usp.br

Segurei minhas pernas em posição fetal. Descansei novamente até que a luz invadisse a escuridão do meu quarto. Seis horas da manhã. Sento-me na cama e fico pensando nas minhas inquietações. Uma lágrima percorre minha face, mordi meus lábios e desabei em mim. Como se pudesse romper a carne, quis arrancar as lembranças que faziam feridas no peito. Não sei dizer o que era eu. Andei de um lado para o outro do quarto, joguei-me contra a parede, lutei contra mim. Já não aguentava meus pensamentos, então arranhei meu corpo na tentativa de sentir alguma dor no mundo físico. Cai ao pé da cama e gritei em silêncio. Cansada do meu gemido, supliquei benignidade e sabia que nada lá fora estava diferente, mas algo havia mudado por dentro. Levantei.

De frente para o espelho, tive vergonha do que vi. Eu não podia pertencer a mim da maneira como estava. Desorganizada, com profundas olheiras, pálida, assustada, com sede e fome, muita fome. A alma atravessava o oposto de tudo aquilo que podia se aproximar. Era covardia, a minha mais nova aventura, da qual queria me livrar.

O quarto estava desorganizado, com todas as coisas no lugar, no lugar onde já não pertenciam. A porta ali, trancada. Era a única saída. Não sabia onde estava a chave. Achar-me era o primeiro desconforto – esse de que tenho medo, como quem vai à guerra pela paz, seguindo o sagrado risco do acaso que sempre admirei. Como se pudesse me livrar de todos os objetos e memórias que habitavam aquele cômodo com paredes, reorganizei. Derrubei os livros das prateleiras, joguei caixas, livros e roupas no chão, tirei anotações, fotos, pinturas e quadros da parede, arrastei tudo para um canto. O quarto está livre, mas não acho a chave aqui. Abro a janela e percebo algumas gotículas de água na superfície. Fico alguns minutos sentindo o vento no rosto, em plena sensação de liberdade, sorri. Volto-me para dentro, olho para cima em estado de relaxamento e avisto a chave presa no teto. Fiquei assustada quando percebi que durante horas investi meu tempo deitada na cama olhando para essa chave. Pus a cadeira sob a direção da chave e a alcancei.

Abro o quarto e saio correndo. Subo num ônibus e desço na casa da Alba. Bato à porta e aguardo-a abrir. Fiquei parada do lado de fora, serena. São duas horas da tarde e ela ainda está de pijamas, com cabelo bagunçado e um pouco de pasta de dente ao redor da boca, acho que ela teve pressa em abrir a porta e esqueceu de limpar a boca. Entro.

Permanecemos em pé e imóveis. Encaramo-nos em silêncio. Começo a me dar conta de que ela partilha da nossa angústia. Ainda há nós e eu só queria essa certeza. Mudas, nosso corpo então fala. Eu posso ver as minúcias da tensão que percorre seu corpo. O coração dói como se unhas cravadas o rasgassem. Sua respiração começa a ficar ofegante. Eu sinto uma súbita falta de ar. Nossos lábios entram em atrito e num silêncio ensurdecedor compartilhamos apenas os batimentos cardíacos. Cheiro sua nuca querendo arrancar o perfume do seu corpo pra mim. Ela me responde com vibrações em cada polegada de sua pele. À medida que deslizo minha mão sobre sua pele, consigo sentir um calor díspar, um gemido novo. Ressoamos por dentro. Devora-me com beijos violentos, sufocantes. Arrancamos as nossas vestimentas. Encarando-me, ela desce sobre meu corpo e sobre meus seios faz movimentos circulares com a língua. Moldo meu corpo à sua forma nua. Vamos direto ao encontro, em espasmo infinito, grito. Teu fluido escorre em mim. Língua, pernas, mãos, todo corpo pulsa rítmico. O suor dos cabelos dela me acalma. Depois uma fúria alastra novamente sobre nossos corpos. Olhamo-nos, uma sobre a outra. Bocas respiravam uma na outra. Mãos descobrem a febre do corpo. Em encaixe e intensidade, orgasmos, respiração, depois o silêncio. Nosso olhar é vazio, o pulsar das minhas veias é quieto. Ela toca cuidadosamente em meu rosto e ensaia falar. Um grande estardalhaço para o nosso cansaço, e pra tudo que não deu certo, em nosso silêncio acabou.

Permanecemos em pé e imóveis. Encaramo-nos em silêncio. Mudas, nosso corpo então fala. Eu posso ver as minúcias da tensão que percorre seu corpo. Deixa-me hipnotizada, encaro esse teu olhar infindo. Teu beijo me corrói, provocando arrepios. Deixa-me te fazer um denço. Perdendo-me na tua boca... nossos lábios entram em atrito e num silêncio ensurdecedor compartilhamos apenas os batimentos cardíacos.

Sua respiração começa a ficar ofegante. Eu sinto uma súbita falta de ar. Cheiro sua nuca querendo arrancar o perfume do seu corpo para mim. A cada polegada de sua pele que toco, responde com vibrações. À medida que deslizo minha mão sobre sua pele, consigo sentir um calor díspar, um gemido novo. Ressoamos por dentro. Chupa-me e devora-me com beijos violentos, sufocantes. Explora meus seios como se me preparasse. Encarando-me, desce sobre meu corpo. Sua língua tem más intenções comigo. Consume meu íntimo de forma gulosa, me inunda e me bebe quente. Moldo meu corpo à sua forma nua. Vamos direto ao encontro. Língua, pernas, mãos, todo corpo pulsa rítmico. Em espasmo infinito, grito. Teu fluido escorre em mim. O suor dos teus cabelos me acalma. Depois uma fúria alastra novamente

sobre nossos corpos. Olhamo-nos, uma sobre a outra. Bocas respiram uma na outra. Mãos descobrem a febre do corpo. Em encaixe e intensidade e orgasmos, você faz um grande estardalhaço.